

**FACULDADE ISULPAR  
INSTITUTO SUPERIOR DO LITORAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PROGRAMAÇÃO  
NEUROLINGUÍSTICA - EDUCAÇÃO SISTÊMICA COM QUALIDADE  
DE VIDA**

**PASCOAL TADEU SIGOLO**

**VIVÊNCIAS METAFÓRICAS NA FORMAÇÃO DE CARÁTER DAS  
CRIANÇAS**

**CURITIBA  
2015**

**PASCOAL TADEU SÍGOLO**

**VIVÊNCIAS METAFÓRICAS NA FORMAÇÃO DE CARÁTER DAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Metodologia Científica como requisito parcial para obtenção do título de Especialista no Curso de Programação Neurolinguística – Educação Sistêmica com Qualidade de Vida oferecido pela Faculdade ISULPAR.

Orientador (a): Vânia Lúcia Slaviero

**CURITIBA**

**2015**

# VIVÊNCIAS METAFÓRICAS NA FORMAÇÃO DE CARÁTER DAS CRIANÇAS

Pascoal Tadeu Sígolo <sup>1</sup>

## RESUMO

Os educadores exercem grande influência no comportamento das novas gerações, capazes de estimular e orientar o desenvolvimento de hábitos nas crianças. Refletir sobre algumas estratégias para auxiliar os educadores na formação de caráter das crianças é fundamental, principalmente para quem sonha em formar indivíduos capacitados, sobretudo, em aspectos morais. O objetivo deste trabalho é citar e comentar algumas histórias metafóricas, embasadas na Programação Neurolinguística, e seus benefícios na formação de caráter das crianças.

PALAVRAS CHAVES: Programação Neurolinguística, Metáforas e Crianças

## ABSTRACT

Educators have great influence on the behavior of the younger generation, able to stimulate and guide the development of habits in children. Reflecting on some strategies to assist educators in children's character formation is critical, especially for those who dream to train qualified individuals, mainly on moral aspects. The objective of this work is to quote and comment on some metaphorical stories, supported in Neuro Linguistic Programming, and its benefits in the character formation of children.

KEY WORDS: Neurolinguistic Programming, Metaphors and Children

---

<sup>1</sup> Graduado em Administração de Empresas pela Faculdade de Administração de São Paulo em 1.982 - pascoaltadeu@gmail.com

## **INTRODUÇÃO**

A formação de caráter das crianças é uma arte que requer tato e dedicação por parte dos educadores sociais, sobretudo dos pais, considerando que o primeiro vínculo afetivo inicia-se no ambiente familiar.

No período infantil, os exemplos dos pais são primordiais para esta formação, portanto preparar-se para dar bons exemplos às crianças é uma empreitada desafiadora, tendo em vista a importância da referência do adulto no desenvolvimento infantil.

A vida é uma grande história, com riquíssimas oportunidades de aprendizados e que poderá proporcionar aos educadores atentos os meios para sua preparação, assim como, para os educandos praticarem os ensinamentos que recebem.

Conforme RODRIGUES (1989, pág.11), um bom livro de histórias que relacionem episódios do cotidiano da criança com os comportamentos dos personagens e situações das narrativas, também, poderá auxiliar no processo de aprendizagem que a criança necessita em termos de formação da sua conduta.

As metáforas, segundo a Programação Neurolinguística, estão presentes nas histórias infantis. São estratégias de comunicação eficazes que apoiam os educadores, uma vez que os conteúdos apresentados estão próximos da realidade das crianças, ocasionando um aprendizado mais significativo.

## **DESENVOLVIMENTO**

A criança terá sempre alguma marca da família em que cresceu e do ambiente em que se desenvolveu. Em muitas pessoas na fase adulta, percebe-se alguns traços corporais dos pais ou daqueles que as educaram quer no ambiente familiar ou em outros ambientes sociais, e, não menos, algumas características intelectuais e comportamentais herdadas em termos de valores humanos, tais como: honestidade, lealdade, solidariedade, companheirismo e outros.

Segundo INCONTRI, Dora;

“A influência que a criança recebe durante a infância é, sobretudo, no campo afetivo e assim deve ser, pois quando a razão estiver plenamente reconstruída pode encontrar uma base de sentimentos puros e elevados para iluminá-la durante a vida”. (INCONTRI, Dora, pág. 114)

O artigo intitulado *O conceito de afetividade de Henri Wallon* publicado recentemente na Revista Nova Escola por SALLA, Fernanda, corrobora com esta opinião, quando descreve:

“Grandes estudiosos, como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), já atribuíam importância à afetividade no processo evolutivo, mas foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962), que se aprofundou na questão. Ao estudar a criança, ele não coloca a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões - motora, afetiva e cognitiva -, que coexistem e atuam de forma integrada. "O que é conquistado em um plano atinge o outro mesmo que não se tenha consciência disso..." (SALLA, Fernanda - Trecho parcial do artigo "O conceito de afetividade de Henri Wallon", Revista Nova Escola)

Pode-se compreender que as crianças são como “esponjas prontas para absorver um líquido que as preencham por dentro”. Boas relações afetuosas e empáticas estabelecidas com os “pequeninos” são como “líquidos de afeto” que as preparam para o preenchimento interior com valores intelecto morais absorvidos pelas convivências no meio social. Mais ainda, os valores morais tais como: tolerância, compreensão, honestidade, compaixão e outros que são essenciais à boa formação de caráter das crianças e que poderão levar para o resto da vida.

Esta base de relação afetiva e empática com as crianças é um alicerce que sustentará novos aprendizados, sobretudo na formação de bons hábitos. Na Programação Neurolinguística esta forma de relacionamentos empáticos denomina-se *Rapport*. Na obra Introdução a Programação Neurolinguística de O'CONNOR, encontra-se a seguinte definição: “*Rapport* é a qualidade de um relacionamento de influência e respeito mútuos entre pessoas”.

A seguir, uma explicação oportuna sobre a importância de uma atitude afetiva na construção de *Rapport* nas relações entre educadores e educandos, ao mesmo tempo que esclarece a diferença entre afetividade e sexualidade.

#### “Pedagogia Afetiva

...há uma confusão nas relações. Educação sexual na escola, antes de ensinar afetividade está criando uma confusão. Hoje em dia a maioria dos adolescentes não sabem o que é afetividade de verdade. Então, para que pular etapas ? Já ensinar a botar camisinha, tomar anticoncepcional se nem sequer foi ensinado o que é emoção...e AMOR natural  
Falar do coração, não só como um órgão, mas sim como o maravilhoso cérebro emocional, pois ele conta uma história a cada pulsação...

Abraço de coração, sem provocação !  
Beijo no rosto, sem malícia !

Mão com mão respeitando a simplicidade e pureza de um irmão !  
 Olhar e ser olhado sem invasão, aprendendo a doçura da serenidade !  
 Quanta intimidade o ser pode compartilhar sem precisar ainda  
 ir à sexualidade.

**Afeto não é sexo**

Pode se ter AFETO por todas as pessoas.

...

...

Cuidado para não perder o dom do amor. O afeto é a luz expressa do puro AMOR.". (SLAVIERO L. VÂNIA, pág.99, – trecho parcial do capítulo “Pedagogia Afetiva”)

Para PIAGET apud BARROS (1995), os estágios e períodos do desenvolvimento caracterizam as diferentes formas do indivíduo interagir com a realidade, de organizar seus conhecimentos visando sua adaptação. Com isso é que o indivíduo vai construindo seu desenvolvimento mental, levando em consideração o ponto de vista intelectual e afetivo.

Atitudes afetivas e técnicas de *Rapport* têm relações diretas. Unindo a aplicação destas técnicas com o uso das Metáforas através das histórias, segundo a Programação Neurolinguística, é possível obter grandes êxitos no processo de educação das pessoas, quer nas fases infanto-juvenis ou mesmo quando adultas. RODRIGUES (1989) remete a considerar estas valorosas contribuições, quando escreve:

“A experiência no magistério nos autoriza a dizer que as crianças apreciam livros que falam delas mesmas, dos acontecimentos do dia-a-dia. Durante os últimos dias de magistério, usamos muito uma velha obra de Viriato Corrêa, - Cazuza -. Sentimos as crianças vibrando com as coisas simples de nossas vidas e de nossa terra. Por isso, acreditamos que um bom livro com histórias poderá auxiliar muito bem os pais e educadores na tarefa não apenas de instruir, mas, também – o que é mais importante -, educar para uma vida de tolerância, compreensão, paciência e resignação em face dos problemas da Vida, visto que “Educar para a Vida” é a meta mais importante de uma educação...” (RODRIGUES, Wallace Leal V., pág. 11)

O autor destaca a importância das histórias extraídas de bons livros para a formação de bons hábitos, tais como: tolerância, compreensão, paciência, resignação e outras virtudes que formam o “Bom caráter”, tanto para educandos como para os próprios educadores. As histórias podem ser construídas utilizando-se de metáforas para obter uma boa comunicação de significados úteis e vale lembrar, segundo a lógica de que para “dar” é preciso “ter”, que o educador deve se engajar na auto educação dos mesmos bons hábitos que pretende ensinar pelas linguagens.

Outro fator relevante no processo educativo é o *Estado Emocional* dos envolvidos. Um dos benefícios que a Programação Neurolinguística oferece é a capacidade das pessoas poderem escolher o melhor *Estado Emocional* de modo a influenciar os *estados* dos outros positivamente, quando a intenção é educação.

Então, surge uma questão:

Encontra-se o educador e o educando em boas condições emocionais que possibilite uma aprendizagem eficaz?

O'CONNOR (2009) auxilia a refletir nesta questão ao escrever:

“Não há pessoas desprovidas de recursos, apenas estados desprovidos de recursos.

Estados bons para a aprendizagem são a curiosidade, a fascinação, o interesse e a empolgação. Quando as pessoas estão entediadas, desanimadas, ansiosas ou hostis, nada aprendem. Os melhores professores são capazes de mudar o estado de seus alunos para bons estados de aprendizagem. Fazem isso estando em bons estados eles mesmos. Estados são contagiosos” (O'CONNOR, J.; SEYMOUR J., pág. 85)

Esta abordagem está fundamentada em um dos pressupostos da Programação Neurolinguística, conforme citação abaixo:

“Modelar desempenho bem-sucedido leva à excelência. Se uma pessoa pode fazer alguma coisa, é possível modelá-la e ensiná-la a outros. Assim, todos podem aprender a obter resultados melhores de sua própria maneira. Você não se torna um clone da pessoa que está modelando – você aprende com ela”. (O'CONNOR, J.; SEYMOUR J., pág. 7)

Os educandos também possuem potenciais velados a serem descobertos e/ou modelados e pela óptica dos autores acima, para um bom contágio educativo dos envolvidos, há que se conquistar uma afinidade ou uma boa equivalência de estados emocionais a fim de que o aprendizado se torne produtivo. As histórias metafóricas, entre outros tipos de metáforas, são meios significativos de apoio para isso.

O conceito de metáforas foi apresentado em sala de aula no curso de Programação Neurolinguística, da seguinte forma:

“A palavra *metáfora* vem de uma raiz grega que significa “levar além”. A metáfora nos leva além de um significado e abre a nossa mente para muitos significados possíveis. A metáfora é uma ferramenta poderosa para, indiretamente a ampliar o mapa de mundo sem o outro perceber diretamente, ou seja: *Resignificar*”. (Curso de Programação Neurolinguística - Practitioner, Instituto Educacional De Bem com a Vida, 2015)

Outras conceituações sobre a importância das narrativas em forma de histórias metafóricas para uma comunicação eficaz pode ser encontrada no Modelo Milton da Programação Neurolinguística, apresentado abaixo:

“Milton Erickson foi um dos precursores das técnicas terapêuticas apoiadas em metáforas, gerando o que chamamos hoje, em PNL, de Modelo Milton, ou, para outros mapas. A metáfora, segundo tais modelos, se apoia em narrar uma história com a que o ouvinte, ou leitor, se identifica e que transmite de forma implícita, -- pois a metáfora é uma ferramenta de comunicação indireta, -- no nível de comunicação inconsciente, conhecimento que ajudará a pessoa em uma mudança de crenças que o levem a uma mudança pessoal.” (CARVALHO, João Nicolau - Golfinho.com.br)

“Uma metáfora isométrica é uma história que segue o mesmo esboço que um problema. Ela se move em direção a uma conclusão desejada e contém recursos que podem ser mapeados para o problema. Milton Erickson elaborava metáforas isométricas e as contava a seus clientes enquanto estavam em transe. Os clientes encontravam os recursos de que precisavam nas histórias e começavam a resolver seus problemas, frequentemente sem fazer a conexão entre as histórias e o problema.” (O’CONNOR, J.; SEYMOUR J., pág. 220)

Existem outros tipos de metáforas além das metáforas classificadas como isométricas, tais como: metáforas cognitivas, metáforas emocionais, e outras. É possível encontrar uma explicação completa destas classificações e esclarecimentos em (O’CONNOR 2009, pág. 215).

As narrativas abaixo, extraídas do livro “*E para o resto da vida*” de RODRIGUES (1989), elucidam alguns exemplos de aplicações das histórias metafóricas que os educadores preparados podem utilizar a partir de leituras, adaptações em formas de dinâmicas ou mesmo outras técnicas de ensino para os educandos, principalmente nas relações pais e filhos.

a) A BALANÇA

Quando menino eu vivia brigando com meus companheiros de brinquedos e voltava para casa lamuriando e queixando-me deles. Isto ocorria, as mais das vezes, com Beto, o meu melhor amigo.

Um dia, quando corri para casa e procurei mamãe para queixar-me do Beto ela me ouviu e disse o seguinte:

- Vai buscar a sua balança e os blocos.
- Mas, o que tem isso a ver com o Beto?
- Você verá... Vamos fazer uma brincadeira.

Obedeci e trouxe a balança e os blocos. Então ela disse:

- Primeiro vamos colocar neste prato da balança um bloco para representar cada defeito do Beto. Conte-me quais são.

Fui relacionando-os e certo número de blocos foi empilhado daquele lado.

- Você não tem nada mais a dizer? Eu não tinha e ela propôs: Então você vai, agora, enumerar as qualidades dele. Cada uma delas será um bloco no outro prato da balança.

Eu hesitei, porém ela me animou dizendo:

- Ele não deixa você andar em sua bicicleta? Não reparte o seu doce com você?

Concordei e passei a mencionar o que havia de bom no caráter de meu amiguinho.

Ela foi colocando os blocos do outro lado. De repente eu percebi que a balança oscilava. Mas vieram outros e outros blocos em favor do Beto.

Dei uma risada e mamãe observou:

- Você gosta do Beto e ficou alegre por verificar que as suas boas qualidades ultrapassam os seus defeitos. Isso sempre acontece, conforme você mesmo vai verificar ao longo de sua vida.

E de fato. Através dos anos aquele pequeno incidente de pesagem tem exercido importante influência sobre meus julgamentos. Antes de criticar uma pessoa, lembro-me daquela balança e comparo seus pontos bons com os maus. E, felizmente, quase sempre há uma vantagem compensadora, o que fortalece em muito a minha confiança no gênero humano. (RODRIGUES, Wallace Leal V., 1989, 2ª ed., pág. 17)

## b) A BORBOLETA

Como todos os garotos travessos, eu tinha a mania de meter-me em complicações.

Depois para sair delas, saía correndo para pedir o auxílio de mamãe.

Ela, porém, sem irritar-se e nem repreender-me, sempre encontrava um meio de deixar que eu me desembaraçasse sozinho.

Para mim, aquilo significava que ela estava se recusando a auxiliar-me.

Eu me revoltava em silêncio, sem poder compreender.

Em uma manhã, às vésperas da primavera, ela gritou o meu nome no jardim.

Fui ver o que era. Mostrou-me um casulo castanho, firmemente preso a um ramo de cipreste.

- Veja, disse-me interessada. A borboleta já está se agitando ali dentro.

De fato o pequenino cartucho parecia até pular e aquilo me deixou impaciente.

Eu tinha um canivete no bolso, tirei-o, abri-o e, sem consultar mamãe, disse-lhe:

- Vou ajudar essa coitada de borboleta a sair daí de dentro.

Mamãe simplesmente curvou-se sobre o meu ombro, acompanhando a operação.

Mas, para minha decepção, o que saiu lá de dentro nem era uma larva e nem era uma borboleta.

Extremamente frustrado eu olhava o estranho animalzinho quando mamãe me afagou os cabelos e disse com especial tom de afeto na voz:

- Meu filho, ainda não era o tempo certo. A lagarta estava ativamente trabalhando com uma finalidade: adquirir forças suficientes para que, como borboleta, pudesse alçar vôo muito acima de um mundo onde estava acostumada a arrastar-se.

Eu olhava penalizado, imaginando a lagarta marrom e feia, a rastejar. E a multicolorida e cintilante borboleta viajando nos raios do Sol. Minha mãe continuou:

- Sem se preocupar em pensar e compreender, você abriu o casulo com o seu canivete. O bichinho, lá dentro, não pode esperar o seu tempo e amadurecer...

Eu estava com o fato diante de meus olhos: o pequenino ser vivente agora não podia nem voar, nem rastejar.

E entendi o que mamãe queria dizer. O "bichinho" ao qual ela se referia, éramos nós, as crianças.

Se eu dependesse, indefinidamente, de alguém para resolver meus problemas, jamais teria a capacidade para me desenvolver, isto é, assumir atitudes corretas, amadurecer, deixar de rastejar como uma criança que engatinha e chegar a ter um espírito próprio e independente, capacitado aos mais altos voos.

Nunca mais me esqueci daquele incidente.

A luta da vida é vencida por etapas: cada uma delas nos prepara para a luta seguinte.

E a harmonia, a ordem perfeita da Lei que rege a Vida, garante a cada um de nós os meios para a vitória.

Não se situam lá fora, estão em nosso íntimo.

E, por isso, o auxílio melhor é aquele que vem de nós, em nosso próprio favor.

(RODRIGUES, Wallace Leal V., pág. 77)

Nota-se nestas histórias metafóricas que o educando é envolvido em termos comparativos com as situações e personagens. Ao mesmo tempo, há uma condução lógica na estrutura do texto para o objetivo que se pretende e que nestes casos é apresentar uma nova forma de conduta diante do problema identificado a partir das vivências do educando.

Na primeira história (a), em seu final, o “adulto” reflete e pondera antecipadamente sobre alguns comportamentos a tomar, associando elementos da situação atual com os da época de sua infância e que a história educativa apresentada pelo educador o auxilia até o momento presente, isto é, quão marcante e importante foi a lição no período infanto-juvenil para toda a sua vida. No caso, infere-se que a “moral desta histórica” para o educando, seja: “Ao avaliar os comportamentos alheios, observe atentamente e valorize os comportamentos positivos que se apresentam antes de quaisquer pré-julgamentos”.

Da mesma forma, na segunda história (b), nota-se a contribuição oferecida aos envolvidos em termos de mudança na forma de “ver” os fatos da vida e as infinitas possibilidades de lidar com estes da melhor maneira, segundo os próprios recursos presentes no íntimo de cada ser, a partir de diversos estímulos educativos. Neste caso, a narrativa amplia a percepção da vida ao estabelecer um comparativo entre as múltiplas etapas de transição na transformação de um casulo em borboleta com as inúmeras fases de mudanças que os seres passam pela vida, enquanto seres integrais (corpo, mente e emoção).

Outro aspecto a considerar é a estruturas de construção das metáforas utilizadas nas histórias acima, e surge a seguinte pergunta: “Quais são as etapas para construir uma boa Metáfora?”. A resposta a esta questão e outros conteúdos importantes sobre metáforas estão no livro: *Introdução a Programação Neurolinguística* de O’CONNOR (2009), no capítulo sobre Metáforas, como segue:

“As etapas básicas para criar uma metáfora isométrica são:

1. Identifique o problema do estado presente.
2. Identifique o estado desejado.
3. Quais os relacionamentos cruciais entre os elementos da história ?
4. Segmente para o lado a partir da situação problema”

(O’CONNOR, J.; SEYMOUR J., pág. 220)

Em sala de aula no Instituto De Bem com a Vida, os alunos do curso de *Programação Neurolinguística – Practitioner* foram desafiados pela orientadora a construir uma "história da sua Vida", definindo um enredo, um modelo de apresentação e até um título. A partir das vivências em forma de dinâmicas de grupo, emergiu o seguinte tema (título) para a história: "Vida em Família". Posteriormente, em atividade fora de sala, foi construída uma história metafórica tendo por base este tema e apresentada abaixo:

c) A LAGOA AZUL

Um patinho amarelo que morava com sua família, sentia-se inseguro e incerto para trilhar novos rumos pelas veredas da vida e com independência. Entre alguns objetivos, acalentava o sonho de conhecer a lagoa azul, de águas limpas e energias brandas, segundo lhe contavam.

Lançou-se ao desafio de conhecê-la.

Definiu claramente seu objetivo, preparou-se e obteve o apoio familiar.

Partiu, então, daquele ambiente de convivências acolhedoras por rumos desconhecidos.

Era um pouco longe, mas a vontade lhe movia e seguiu firme, superando os obstáculos com trabalho árduo, apesar de algumas incertezas e inseguranças.

Em determinado momento do caminho o cansaço dificultava os passos, porém, esperançoso, sentiu necessidade de se refazer aproveitando algumas poucas sombras das árvores frondosas à beira.

Aproveitou para se nutrir e fazer a cesta reflexiva habitual. Em seguida, apreciou as flores coloridas dos arredores que também o revigorou.

Continuou, e mais além surgiu um atalho e uma dúvida natural: "seria este ou aquele o melhor caminho para meta?".

Observou o entorno atentamente e percebeu, em situação muito parecida, um outro patinho e conversou, pedindo auxílio.

Foi prontamente atendido e agradeceu.

Não muito confiante, encontrou outro animalzinho e buscou novas orientações. Considerou aquelas que lhe pareceram as melhores e decidiu por um dos atalhos. Dias e dias em novas caminhadas, diferentes trabalhos e sempre cuidava de ouvir os cantos dos pássaros que o estimulava.

Por vezes, arriscou até pequenos voos para saltar trechos ainda mais difíceis e que poderiam impedir sua jornada.

Após muito sacrifício, despontou a lagoa azul.

Seus olhos brilhavam. Então, entrou...

Começou a nadar e com muita atenção reparou a beleza do ambiente, como os peixinhos sob as águas cristalinas e os raios de sol que penetravam pelas árvores.

Repentinamente, para sua surpresa, apareceram seus familiares nadando nas mesmas águas e com habilidades.

Que imensa alegria tomou conta de seu coração ao revê-los.

Seus ascendentes preferiram que ele aprendesse por si a trilhar o caminho que escolhera para a lagoa azul, pois sabiam diante mão que isto lhe ajudaria a fortalecer suas convicções, escolhas e força de vontade. Tinha recebido e construído uma boa preparação. Apesar disso, foi acompanhado à distância pelos tutores responsáveis.

Realizado por ter atingido a meta e com um pouco mais de experiências, ousou a se perguntar:

... o que eu quero, daqui para frente ?

... e que direção seguirei ?

... Como chegarei ?

Ao mesmo tempo que buscava novos resultados para si, cooperava em favor dos familiares e aproveitava suas conquistas parciais para estimular, dirigir e acompanhar a nova geração de outros patinhos a conhecerem a lagoa azul, caminhando pelas trilhas que escolhessem. (SIGOLO, PASCOAL T. (2015) – Adaptação de trabalho fora de classe).

A pergunta “O que se quer?” utilizada na história acima é uma indagação definitiva em Programação Neurolinguística, utilizada quando se pretende alcançar um estado desejado diferente do estado em que se encontra, ou seja, quando se almeja um resultado. Para melhor compreender, O’CONNOR (2009), escreve:

“Orientação para resultados – pensar em resultados consistentemente e ter direcionamento e propósito gerais na vida. Até que saiba o que quer, o que fizer não terá propósito, e seus resultados serão aleatórios. A orientação para resultados lhe dá controle sobre a direção na qual viajará. Você

necessita dela em sua vida pessoal...” (O’CONNOR, J.; SEYMOUR J., pág. 14)

As vivências alicerçadas por histórias metafóricas podem tocar o coração do educando atento e ajudá-lo, em ânimo e motivação, a fazer uma formulação de bons objetivos e de propósitos elevados para sua existência - em momento oportuno da sua vida. Como estruturar a formulação de bons resultados, sobretudo, com características de renovação em relação ao estado atual da pessoa, é um desafio e a Programação Neurolinguística contribui com técnicas práticas para este fim. O’CONNOR (2009), orienta como fazer através de nove perguntas que são conhecidas como “condições bem formuladas”, a saber:

- “. O que você quer ? (Positivo)
  - . Como você saberá se está tendo ou obteve sucesso ? (Evidência)
  - . Quando, onde e com quem ? (Pontos específicos)
  - . De que recursos você dispõe ? (Recursos)
  - . Você pode iniciar e manter esse resultado ? (Controle)
  - . Quais são as consequências maiores ? (Ecologia)
  - . Este resultado tem a ver com quem você é ? (Identidade)
  - . Como seus resultados se encaixam ?
  - . O que fazer a seguir ?” (Plano de ação)”
- (O’CONNOR, J.; SEYMOUR J., págs. 15,16,17 e 18)

Explicações para melhor compreender a aplicação das técnicas por meio das questões acima, poderão ser encontradas no capítulo *Resultados* do livro de O’CONNOR (2009), referenciado abaixo.

Enfim, a Programação Neurolinguística, possui inúmeros recursos em termos de comunicação e direção para a vida no mundo atual, ou seja, contribui positivamente para melhorar a vida de seus praticantes. Especificamente, as histórias, e ainda mais, as histórias metafóricas, quando aplicadas corretamente, contribuem significativamente no processo educativo do ser, principalmente no período infanto-juvenil.

SLAVIERO (2015), apresenta claramente, no prefácio de seu livro, que a vida está permeada e recheada de histórias. Abaixo, uma transcrição parcial para elucidar:

“Era uma vez...

Quantas e quantas vezes em nossas vidas ouvimos essa frase, e com ela se iniciava também uma aventura...

As histórias estão presentes em nossas vidas sem nos darmos conta.

Através dos tempos, acompanhando a evolução humana, as histórias sempre estiveram, estão e estarão presentes, adotando várias e diferentes formas, mas sempre histórias.

...

Histórias de nossos pais, avós, familiares, vizinhos, amigos. A história de nosso país, de nossas cidades, de nosso bairro. O Brasil é considerado como o único país com certidão de nascimento, a Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal. Enfim, histórias que compõem nossa própria história. Nossa vida está permeada e recheada de história, e não nos damos conta disso, de que são histórias.

A nossa própria vida é uma história, a história de nossa vida, ou uma história construída ao longo dos anos feita de muitas pequenas histórias.

Que fascínio é este produzido pelas histórias sobre todos nós ? independente de quem seja, basta ouvirmos algo como “era uma vez...” e pronto, lá está nossa atenção arrebatada para acompanharmos o que vem a seguir. Assim somos nós seres humanos, criadores e criaturas de nossa própria história” (SLAVIERO L. VÂNIA, Prefácio)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, pode-se constatar a importância em incluir novas estratégias como aliadas na formação integral da criança, principalmente no que se refere ao contexto atual, onde o valor expressivo, moral e cultural de determinadas atividades tem sido deixado de lado, devido a interferência de certas características dos tempos modernos.

Respeitar a infância significa entender que nela se cria e imagina o que vive, como vive e o que compreende viver. Os educadores tem a responsabilidade de deixar a criança desenvolver a sua própria imaginação criadora, porém com o olhar atento para que possa contribuir neste desenvolvimento, questionando-a sobre o que ela realiza, ajudando-a a dirigir o raciocínio na direção de uma reflexão crítica e questionadora da sua própria realidade.

Entre as reflexões realizadas, inclui-se, por exemplo, o uso da metáfora, como uma possibilidade de recurso para auxiliar no desenvolvimento do caráter na infância, pois potencializa o acesso à experiências. Esta estratégia busca a criança visualizar sua própria realidade por meio de um outra perspectiva, aprimorando assim seu o

processo criativo, flexível, bem como a construção de valores morais e por fim uma aprendizagem significativa.

A educação de valores possibilita uma realidade mais solidária. Há que se repensar um novo tempo para uma nova geração em que a afetividade e o bom caráter se unam como alicerce de um novo referencial para a existência humana, consolidando as potencialidades pessoais às exigências das relações sociais.

...e pensando na máxima “é fazendo que se aprende” que os termos “Vivências Metafóricas” foram utilizados no título deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Célia S. Guimarães. **Pautas de Psicologia do Desenvolvimento** – Ed. Ática, 9ª ed., SP, 1995.

CARVALHO, João Nicolau - **Artigo: Metáforas** - <http://golfinho.com.br/livro/metáforas.htm-0>. Acesso em Dezembro/2015.

INCONTRI, Dora, **A Educação Segundo o Espiritismo**, Ed. Comenius, 4ª. Ed., SP, 2000.

O'CONNOR, J.; SEYMOUR J., **Introdução à Programação Neurolinguística**, Summus Editorial, 5ª.ed.,SP, 2009.

RODRIGUES, Wallace Leal V. – **E, Para o Resto da Vida...** – Ed. O Clarim, 2ª Ed. SP, 1989.

SALLA, Fernanda – **O Conceito De Afetividade De Henri Wallon** – Revista Nova Escola, Ed. Abril.  
<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/conceito-afetividade-henri-wallon-645917.shtml>. Acesso em Dezembro/2015.

SLAVIERO, Vania L. - **A Cura pelas Metáforas** - Appris Editora, 1ª Ed., PR, 2015.

SIGOLO, Pascoal T. – **O Patinho Amarelo** – Trabalho extra classe, Curso de Programação Neurolinguística – Practitioner, 2015.

Trabalho apresentado dia 07 de Dezembro de 2015, no Curso de Especialização em Programação Neurolinguística – Practitioner, pela Faculdade ISULPAR, Paraná; pelo aluno Pascoal Tadeu Sígolo. Coordenadora: Vania Lucia Slaviero